

# JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

## A vergonha

**Melissa Vasconcelos Gomes**  
escritoramelissavasconcelos@gmail.com

Os textos mais engenhosos são aqueles que contêm a poesia dos sentidos e as dimensões cartográficas do espaço. Nada desperta mais minha atenção do que ler um poema construído sob estímulos sensoriais, daqueles que se pode sentir os cheiros, as texturas, os sabores, ou um romance-mapa, vagando entre as linhas e as ruas dos seus lugares de origem.

Lendo *A Vergonha*, de Annie Ernaux, mergulhei entre as ruas da Normandia e nos sentimentos daquilo que não queria – ou não podia – se falar. Escrever é falar sem contar. Cada viela era tatuada por um trauma ou memória de perseguição e de fofocas. A imagem de seu pai quase matando sua mãe ressoou por toda a história. Aquilo que hoje tatua a história, ontem marcou a ferro a memória. Em cada esquina, correndo entre as idades da escritora, figurava um repórter não formal, daqueles

que existem aos montes nos interiores de quaisquer lugares – os que adoram falar da vida alheia como quem fosse pago por isso, batendo o ponto infinito da língua todos os dias sem hora para findar o expediente.

Pensei até que estivesse lendo sobre a minha própria cidade. Percebi que o mundo é igual, não importa qual seja a ruela: seja no Brasil ou França, as esquinas serão sempre pequenas; as línguas repletas de acidez; os olhares envoltos de veneno; e o instinto de maldade desgarrado. Os chicotes da língua doem mais na alma do que no corpo: não se pode limpar a alma quando se corrompe o corpo. Ao contrário do que se pensa, o corpo não é corrompido pelas marcas dos erros, mas pela arrogância daqueles que açoitam sem penar. No interior do Ceará, assimilo o livro estrangeiro. É fato: nenhuma experiência é única. E assim, escrevemos para tornar única a experiência do que vivemos. Uma loucura por dia pode salvar a vida da normalidade.

## O guerreiro, o escorpião e a estrela

**Fran de Paula**  
escritorafrandepaula@gmail.com

Sentamos nas cadeiras do jardim que ficam de frente pro mar. São cadeiras largas de madeira que reclinam, de modo que podemos facilmente olhar o céu. Combinamos que iríamos dormir depois de ver uma estrela cadente. O dia começou cedo, quando ela chegou trazendo a notícia. Ficou pela manhã e almoçamos um peixe cozido que ainda tinha na geladeira. Depois consegui fazer com que dormisse até umas quatro horas e saímos para saber de sua mãe. Queria lhe dar alguma coisa. Pensava nisso quando encontrei a pedrinha de sodalita azul. Coloquei o cordão com a pedra no seu pescoço e senti um pequeno alívio. Ela trocou de roupa e arrumou o cabelo com muito cuidado; achei esse um gesto poderoso.

Fui comprar maracujás enquanto ela pegava o restante de suas coisas na casa onde não poderia mais morar. Aproveitou para falar com a tia. Pelo menos ela e mamãe fizeram as pazes, disse. Disse também que a tia chorava

muito quando encontraram sua mãe.

Voltamos para minha casa e, enquanto eu falava ao telefone, ela dormiu outra vez. Fiz um suco de maracujá bem forte e esquentei fatias de pão com manteiga. Quando acordou, comemos do lado de fora olhando o céu. Achamos as Três Marias e tentei fazer com que ela as visse no cinturão do guerreiro Órion, que naquela hora estava no alto de nossas cabeças. Órion era um caçador, filho de Poseidon, deus dos mares. Gabava-se de que nenhum animal poderia vencê-lo. A história conta que um escorpião gigante foi enviado para matá-lo. Ele é picado e morre. Quando a constelação de Escorpião nasce no horizonte, Órion se põe, como se ainda estivesse fugindo.

Ficou muito quieta escutando a história. Havia falado tudo o que pôde quando chegou naquele mesmo dia pela manhã. Fora acordada no meio da noite por um homem armado.

– Você é a Maria? – Ele perguntou.  
– Não – ela disse – Maria é minha mãe.

Não conseguiu terminar o relato.

Só chorava. Tinha os olhos inchados. Talvez nem tenha dormido. Ou tenha acordado muito cedo e vindo me contar, como sempre faz quando tem uma novidade. A novidade daquele dia era que teriam que ir embora. Tinham vinte e quatro horas.

Esperamos um bocado debaixo do céu, em vigília. A estrelinha cadente apareceu quase antes de tocar o mar. Fizemos um longo coro de contentamento e fomos dormir. No meio da noite acordamos. Acendi a luz do banheiro e ele estava lá: o escorpião. Olhei para ela, que já tinha o chinelo em punho. O escorpião foi rapidamente liquidado. Talvez se olhássemos o céu naquele momento, Órion estivesse se pondo enquanto o escorpião nascia no horizonte. Naquele momento, a menina invertia o mito.

Essa história aconteceu dias atrás sob o céu de uma pequena vila no litoral leste do Ceará. No céu, as constelações seguiram seus cursos. Na terra, uma família foi expulsa violentamente de sua casa. O Estado chegaria depois – como quase sempre.

# O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

## Os quadros

**Esequiel Mesquita**  
Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC

Foram duas voltas seguras dadas na tranca da porta. Ouviu o som do destrave metalizado e entrou, sem paciência, casa adentro. Foi tomar banho enquanto murmurava sobre o estranho braço que, mais cedo, trespassara sua boca, arrancando, como garras, o batom; que depois teve o excesso esfregado em seu rosto, despercebido. Desceu na parada seguinte, que nem era a sua, de tanta raiva revirada em ódio. Entre terminar o dia envolvida num grande redemoinho, preferiu abafar o sentimento ruidoso em casa.

Sentou-se ao computador e olhou para a parede azul-petróleo. Lá estavam os dois buracos destinados aos quadros que havia comprado para enfeitar aquela parede triste. A garganta cuspiu um engasgo. Foi a última tarefa do companheiro expelido um mês antes do átrio robusto do lar, depois de tantas tentativas de cultivá-lo.

Lembrou do sorriso, sorriu em memória, empurrando o ar pelo nariz. Tinha uma boa companhia, uma presença galante que lhe conferia conforto, muito mais pelo ruído do que pela palavra. Pena que tudo aquilo era embebido numa porção nefasta de vaidade. Empurrou as costas na cadeira e removeu as manchas na toalha de mesa, os panos úmidos, as toalhas coalhadas; o vigoroso senso de ser filho, mesmo quando apartado da mãe. Mas o pior era a mancha do suor estranho em seus lençóis limpos.

Revolveu os olhos para a parede, encerrou aquele distúrbio raso, levantou-se, pegou dois pregos e assentou sobre eles os dois quadros. Olhou, olhou, retirou os quadros e os jogou no lixo. Ao menos, os buracos na parede foram preenchidos com alguma coisa.

Agradeceu por ter paz e abriu seus e-mails, pronta para respondê-los.



Entre terminar o dia envolvida num grande redemoinho, preferiu abafar o sentimento ruidoso em casa

CARLUS CAMPOS



## Um acessório sem subterfúgios

**Maria José Monte Holanda**  
Escritora

Onde ele esteja sempre nos atrai. Ao passar diante dele todos se espionam, e ele retrata fielmente o que nele se exhibe. Tem lugar privilegiado nas salas e quartos das residências, sejam elas requintadas ou simples. É um imprescindível apetrecho na bolsa feminina.

Já sabem a que me refiro? Vou evidenciar um que para mim é especial. Veio há cinquenta e quatro anos junto à mobília moderna e alegre de recém casados, em vermelho e branco laqueado, em formato de uma flor, simples, mas, formoso adorno. Ficava na parede da sala. Aconteceu mudança de residência, o estilo dos móveis foi trocado, renovado, houve doações na ocasião das variações ocorridas, mas ele ficou e sempre muito bem posicionado. Nos espelhou quando jovens, rostos lisos e hidratados naturalmente,

nos acompanhando por muitos anos com seu poder de nos atrair, reproduzindo e satisfazendo a nossa vaidade habitual tão presente nos anos juvenis. Diante das inevitáveis transformações que em nos vão se manifestando e como sempre, ele cumpre seu fiel compromisso sem mexer-se, apenas realiza seu papel, mostrando a realidade que ora se apresenta.

Há pouco tempo mudou de ares, trocou a capital por ar praiano. Como sempre tem lugar de destaque. Todos querem ser refletidos. Os que nele se espelharam há décadas, agora sentem com maior intensidade sua sinceridade diante da clareza da varanda litorânea. Ao passarmos o protetor solar sentimos uma tênue cumprimento dele, mascarando levemente a realidade dos anos diante de uma hidratação agora necessária e providencial. Mas não se engane, ele continua atuando com a sinceridade que lhe é peculiar.

## Ruído sem relva

**Marnylton Cabral**  
Graduando em Letras na UFC e membro do Conselho de Jovens Leitores **O POVO**

O Centro da cidade me chegava aos olhos com manchas rápidas de fachadas que não conseguia ler. Sentia uma dor no pescoço, da noite mal dormida. Tentei óculos escuros, mas ainda assim era demais: cores e formas. Andava rápido no meio do Centro e eram tantos ruídos que meus ouvidos não distinguiam o que era barulho e melodia. Eu nem sequer entendia o que diziam de um lado ao outro: preço, promoção, alguém cantando alto, panfletos. Tentei fones de ouvido e, ainda assim, me sufocava em espaços que não conseguia entender. Eu me sentia uma televisão de tubo chiando. Olho para cima, buscando algo diferente: um sol a pino, retângulos espelhados e pombos. A agonia cresce, paro e vejo olhos cansados ao redor e pés apressados em todo o entorno. Muitas sacolas nas mãos, alças presas a dedos esbranquiçados. Confabulei um e se, temidos são os e se, todos, ao mesmo tempo, largassem as sacolas no chão e deixassem rolar as compras e casas dentro de mochilas, parassem os carros, abrissem as portas em gestos de basta e simplesmente todos, me incluindo na loucura, se jogassem no chão e chorassem seu cansaço. Um choro de criança com sono, vontade de voltar ao útero. Fizessem silêncio depois do choro coletivo e só depois, com tudo parado, pudessem retomar um caminho mais adjacente ao sentido. Aqui há uma grande onomatopeia. Buzina de carro, perco o ar e corro para a calçada, ensaio uma corrida para não atrasar, sentindo um amargo na boca e a dor no pescoço, chata, de uma noite mal dormida. Eu não queria sair da confabulação e tento guardar uma última imagem. Tagore e Girondo parecem compartilhar um íntimo aperto de mãos, de significados ocultos. Pensei, Olivério Girondo, querido, você ficaria desesperado como as coisas poderiam acelerar ainda mais, nem gente com livro no ônibus eu vi. Quanto menos deitar na relva, Rabin dranath Tagore, quase nem relva tem. Eu queria muito não estar atrasado, mas sinto, hiperbolicamente, que todos estamos, sem nem mesmo olhar o relógio.